

CORONAVÍRUS **"Esta crise traz novas formas de desigualdade"**

30.05.2020 às 19h18



Desde fim de março que o Exército está a entregar refeições diárias num antigo quartel da GNR em Lisboa

FOTO ANA BAIÃO

Três perguntas a Carlos Farinha Rodrigues, economista e professor no ISEG, sobre as desigualdades que a crise mostra - e as novas que ela cria



RAQUEL ALBUQUERQUE

A POBREZA PODERÁ RECUAR A NÍVEIS DE 2013?

Se a recuperação económica for sustentada a partir do 3º trimestre, teremos famílias com grande quebra de rendimentos num momento específico no tempo e outras com quebras

fortíssimas que se vão prolongar. Dizer que vamos ter um agravamento para os níveis de 2013 depende muito de quanto tempo isto durar.

AS DESIGUALDADES VÃO AUMENTAR?

Apesar das melhorias, muitos dos fatores que explicam a desigualdade e a pobreza continuaram latentes. Esta crise veio potenciá-los. Mas também há novas formas de desigualdade, como a questão da Educação, porque os alunos não têm todos a mesma capacidade para seguir o modelo da escola em casa. Contrariamente ao que se diz, este vírus não é democrático. Chega a todos os sectores da sociedade, mas atinge com muito mais força os mais vulneráveis. E as famílias que têm as ligações mais frágeis ao mercado de trabalho são as que sofrem mais.

O QUE É PRECISO FAZER?

Para já, tomar medidas pontuais para resolver a emergência, dando apoio às famílias mais carenciadas durante dois ou três meses e, ao mesmo tempo, criar bases, articulando políticas públicas, para que no futuro não se volte à mesma situação. Também é possível simplificar apoios como o Rendimento Social de Inserção, que requer três meses sem rendimentos embora há dois meses estas pessoas não estivessem em situação de carência. Estão reunidos todos os ingredientes para uma tempestade perfeita em termos sociais.